

O PALAZZO VENEZIA, ONTEM E HOJE

COM A FEB NA ITALIA — De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — Via aérea, dezembro de 1944. — Vi os pracinhas brasileiros lutando no frio dos Apeninos. Encontrei, pelas cidades da Italia, soldados de todas as partes do mundo — americanos e franceses, ingleses e australianos, escoceses de saia curta e indús de turbante, poloneses e canadenses, franceses, italianos e negros da Africa — que estão lutando juntos contra o invasor nazista. Vi cidades em ruínas e populações ainda espantadas pelo terror alemão. Mas foi em Roma que encontrei um sentido para esta guerra; foi em Roma que eu vi um simbolo eterno desta luta de hoje.

Sozinho na cidade illustre, perguntei a um transeunte onde era o Palazzo Venezia. Eu queria visitar a sombra do Duce, queria chegar ao balcão de onde o sangrento palhaço berrava gesticulando como um possesso. Certamente devia estar ali um museu do fascismo. Eu queria entrar na grande sala, ver a mesa de onde ele ditava as suas ordens para o assalto á populações inermes.

Cheguei. Vi á porta o anuncio de uma exposição de pintura — certamente eu me enganara. Mas não: era ali mesmo. Ali mesmo, onde o apostolo da força e da opressão meditava seus crimes barbaros e cinicos o governo militar aliado abriu uma exposição das obras primas da pintura européa dos séculos 15, 16 e 17. Quadros de varios museus italianos que haviam sido guardados no Vaticano estavam pela primeira vez reunidos ali, na

mais bela exposição de pintura da Renascença que um homem já poude ver no mundo.

Na ante-câmara, onde os chefes da Ovra e os "podestá" do interior deviam esperar sua vez de falar ao Duce encontrei as ingenuas madonas de Fra Filippo e Piero della Francesca. Avanço para outro gabinete e em frente surge, numa visão de pura graça lirica e sensual, a Venus de Boticelli. Em sua frente, o olhar severo e cobiçoso, instala-se o retrato de Henrique VIII, de Holbein. Passo pelo "São Jorge" de Mantegna, e pela "Transfiguração" de Bellini e paro para contemplar a estranha "Tempestade" de Giorgione. Entro na Sala do Mappa Mundi, de cuja sacada o ditador furioso arregava ás turbas. Onde está a sua sombra sinistra e ridicula? Ainda deve haver aquil o éco distante dos monologos que ninguém ousava interromper — porque "il Duce ha sempre ragione". Mas me detenho: no quartel general da opressão há uma estranha festa de liberdade e de beleza. Correggio mostra, nús, muito branca e sutil, a amada de Jupiter cercada de Cupidos; dois passos além a Virgem se casa com Deus; Rafael tinha 21 anos quando imaginou essa visão, mas já estava no fim de sua curta vida quando pintou a carnção firme e delicada de sua famosa Fornarina, ao mesmo tempo tão alegre e tão mórbida, sorrindo sobre o fundo da folhagem escura. Circe aparece ao lado de Tobias, e Ticiano mostra, em duas mulheres tão puras em sua beleza, o amor celeste e o amor divino que não sabemos qual das duas recita.

e para quem, através de 4 séculos de beleza, as palavras do Cantico dos Canticos.

Avançamos. Nesta sala vinham os ministros do Fascio ouvir a voz do seu dono. Mas o que ouvimos é a palavra de Jesus á mulher adúltera, numa tela de Tintoretto; é a prédica de São João Batista num óleo de Veronese. E agora a Grecia, que hoje se redime, e a Espanha que Mussolini ajudou a devastar, estão juntas nas visões dramáticas de El Greco. Avançamos: eis Caravaggio, Rubens e Velasquez.

...Estamos na Renascença: a idéia e o sentimento da Europa se libertam das sombras e da opressão da Idade Média; através da arte livre os homens contam, com uma força estranha, as suas grandes paixões humanas e divinas. A humanidade vive um de seus altos momentos de beleza: a Renascença do homem dentro de um mundo novo. Isso Mussolini não previu; isso Hitler, o borra-tintas alucinado, com seu profundo odio á cultura e á liberdade, não pode sentir. Das ruínas de suas cidades as populações famintas da Europa surgem para um outro Renascimento. As bestas medievais estão acuadas em seu covil: a infamia, a opressão, a mentira e a estupidez. Esperança para todos os homens oprimidos, para todos os povos oprimidos do mundo! É um novo Renascimento: eu o sinto na ansia de liberdade e de justiça do povo da Italia. Tenho orgulho de ver os caboclos brasileiros trabucando na Toscana pela libertação do mundo

10/1/45

(No Palazzo Venezia - Dez 44 - FEB)
pg. 65 94